



Leitura e Mediação Pedagógica



Protocolo 60

Colaborador: M.

Pesquisador: Deise

Transcrição

[L. 201] P - Estão aqui hoje M.; L.; E.; e S.. Vamos dar uma olhada, primeiro, nas imagens que acompanham o texto. Que que você tá vendo aqui na página 25?

M - Eu tô vendo corações, ou seja, quer dizer amor. Chuva, que tá ventando e quer dizer triste. Ou não?

P - Pode ser, meu amor. Porque a imagem... ela nos abre para muitas possibilidades.

L - Por causa que ele tava com... e agora ele tá feliz.

P - Mas, assim, aqui tem três imagens que ele te passa... essas imagens aparecem onde?

E - No espelho.

P - "O caso do espelho". Então, a gente já sabe que tem a ver com um espelho e a gente sabe que tem a ver com uma pessoa, olha só, idosa, mas apaixonada. E essa aqui?

S - Uma mulher

[L. 211] P - Chorosa. Parece ser menina, a gente não sabe. E aqui?

L - Um homem.

P - A gente não sabe se é mulher ou homem, mas parece um homem. Vamos, então? Vamo começar com L.

L - "O caso do espelho". Versão de conto popular por Ricardo Azevedo. Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata. Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca. apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos: — Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui? — Isso é um espelho — explicou o dono da loja. — Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai. Os olhos do homem ficaram molhados. — O senhor... conheceu meu pai? — perguntou ele ao comerciante. O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira. — É não! — respondeu o outro. — Isso é o retrato do meu pai. É ele sim! Olha o rosto dele. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito?

[L. 225] P - Continue, por favor, M.

M - O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros e vendeu o espelho, baratinho. Naquele dia, o homem que não sabia quase nada entrou em casa todo contente. Guardou, cuidadoso, o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira. A mulher ficou só olhando. No outro dia, esperou o marido sair para trabalhar e correu para o quarto. Abrindo a gaveta da penteadeira, desembulhou o espelho, olhou e deu um atrás. Fez o sinal da cruz tapando a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu chorando. — Ah, meu deus! — gritava ela desnorreada. — É o retrato de outra mulher! Meu marido não gosta mais de mim! A outra é linda demais! Que olhos bonitos! Que cabeleira solta! Que pele macia! A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça do que eu!

P - S., por favor.

A - Quando o homem voltou, no fim do dia, achou a casa toda desarrumada. A mulher, chorando sentada no chão, não tinha feito nem a comida. — Que foi isso, mulher? — Ah, seu traidor de uma

figa! Quem é aquela jararaca lá no retrato? — Que retrato? — perguntou o marido, surpreso. — Aquele mesmo que você escondeu na gaveta da penteadeira! O homem não estava entendendo nada. — Mas aquilo é o retrato do meu pai! Indignada, a mulher colocou as mãos no peito: — Cachorro sem-vergonha, miserável! pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jabiraca safada e horrorosa? A discussão fervia feito água na chaleira. — Velho lazarento coisa nenhuma! — Gritou o homem, ofendido. A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha chorando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar pra casa. — Que é isso, menina?

[L. 244] P - E., agora.

E. — Aquele cafajeste arranhou outra! — Ela ficou maluca — berrou o homem, de cara amarrada. — Ontem eu vi ele escondendo um pacote na gaveta lá do quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver o que era. Tá lá! É o retrato de outra mulher! A boa senhora resolveu, ela mesma, verificar o tal retrato. Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembulhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos. Olhou de novo. Soltou uma sonora gargalhada. — Só se for o retrato da bisavó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha, cacarenta, murcha, arruinada, desengonçada, capenga, careca, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje! E completou, feliz, abraçando a filha: — Fica tranquila. A bruaca do retrato já está com os dois pés na cova!

[L. 253] P - Viram? Gostaram do conto? Vocês conseguem imaginar a imagem que a gente viu aqui, o que que tem a ver? Conta aí pra mim o que que é

E - Aqui, o velhinho com o coração... é que ele viu no retrato que era ele, então ele parecia com o pai dele. Então ele pensou que era o pai dele.

P - Por quê?

E - Porque ele se apaixonou: "Ai, meu pai". Aí, a outra chorando é a mulher.

P - Só um minutinho. Vamos lá, S..

S - Aí, a mulher pegou o retrato e achou que era outra, porque ela viu o retrato e não sabia que era tão bonita. Aí, ela achava que tinha outra. É que ela tava chorando porque achou que o marido dela tinha outra mulher.

P - Fala M..

S - E essa aqui no caixão é a mulher que tava no retrato, que ela tava morta, que ela até falou que ela já tava com o pé na cova, porque ela já tava morta

P - De tão velha, né? Então, cada um que se olhou no espelho...

L - Falava que era uma coisa.

E - Eu não entendi assim. Eu já li essa história, mas de outro jeito.

[L. 269] P - Que outro jeito? Por que que você leu esse conto de "outro jeito"? Olha o título. Abaixo do título, que que fala?

E - Versão do conto popular.

P - Que que é versão?

M - Versão é assim, por exemplo: sabe o filme que foi lançado "Alice no país das maravilhas"? Existem várias versões, só que são diferentes.

E - É assim... cada pessoa, ela vai pegando esse conto e vai aperfeiçoando.

P - Não só aperfeiçoando, pode ser copiando, mas mudando alguma coisa, não é? Agora vocês viram a diferença do gênero conto escrito em forma de verso e em forma de prosa, o tanto que precisa reforçar a pontuação, acentuação pra ler bem o texto? Vocês viram, por exemplo, quando o E. começou a imitar as pessoas?

E - A professora disse ano passado que isso não existe, por causa que fica meio sem lógica você falar assim: "Berrou o homem de cara amarrada". "Ontem eu vi ele esconder o pacote", não é? Uma mulher falando assim? Por isso que eu imito.

[L. 283] P - E você não precisa nem mudar a voz. Fica bacana quando você imita a voz.

L - Assim, é só o tom que dá pra quem tá ouvindo podê vê que é uma outra pessoa.

P - Exatamente. E também saber se ele tá chorando, saber se ele tá gritando, porque, se não, não dá sentido no texto, não é? E aqui ó, como que você sabe se tem hora que ele tá chorando e tem hora que ele ta rindo?

S - Assim, eu sei, por causa da história.

L - Tem gente que entende, a partir do início.

[L. 290] P - Porque ele fala assim, ó: "O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos". Se ele gritou, então a gente já sabe o jeito que é, né?: "Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?". "Isso é um espelho", explicou o dono da loja...

L - Até muda o tom da voz.

P - Exatamente.

S - Professora, já tão chamando nós pro outro atendimento; o de matemática hoje é mais cedo.

[L. 296] P. Ok. Continuaremos depois. Leiam de novo em casa, para discutirmos na próxima semana.

Observações:

Análise Local

Análise Comparativa
